

## Modelos de Avaliação de Destinos Turísticos: concepção e aplicabilidade<sup>1</sup>

Daniela Fantoni Alvares<sup>a</sup>Yoná da Silva Dalonso<sup>b</sup>Júlia Maria Brandão Barbosa Lourenço<sup>c</sup>

### Resumo

Este artigo propõe uma leitura contextualizada dos modelos de avaliação de destinos turísticos e de seu percurso evolutivo. Desta forma, é realizada uma análise crítica em relação à aplicabilidade e aos principais aspectos observados dos modelos selecionados para o estudo: Leiper; Butler; Mathieson e Wall; Gunn, Mill e Morrison; Boullón; Beni; e Alvares. Como metodologia de pesquisa, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo de Bardin. A partir desta pesquisa, observou-se que as teorias de avaliação de destinos turísticos propõem uma análise muito mais indutiva do que assertiva do percurso de desenvolvimento turístico. Por fim, concluiu-se que novas pesquisas são necessárias para aprimorar os modelos existentes, assim como para o estabelecimento de novos modelos passíveis de avaliar o processo de evolução do turismo, a partir da diversidade e da particularidade inerente a cada destino turístico.

**Palavras-chave:** Modelos; Avaliação; Destino turístico; Desenvolvimento; Fenômeno turístico.

### Abstract

#### Touristic Destination Assessment Models: design and applicability

This article proposes a contextualized interpretation of touristic destination assessment models and their evolutionary path. A critical analysis was conducted on the applicability and main aspects of the models chosen for this study: Leiper; Butler; Mathieson & Wall; Gunn, Mill & Morrison; Boullón; Beni; and Alvares. The methodology technique used was content analysis grounded on Bardin. The theories that evaluate tourist destinations proposed a much more inductive than assertive analysis regarding the history of tourism development. Further research is required to improve existing models, as well as to establish new models capable of evaluating the process of tourism evolution based on the diversity and specifics inherent to each tourism destination.

**Keywords:** Models; Assessment; Tourism destination; Development; Tourism phenomenon.

1. Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada no II Seminário Mineiro de Pesquisa e Inovação em Turismo, realizado na cidade de Belo Horizonte (MG), de 2 a 4 de novembro de 2017.
- a. Possui pós-doutorado em Engenharia Civil pela Universidade do Minho, Guimarães, Portugal. Professora de Gestão e Planejamento do Instituto Federal de Minas Gerais, Sabará, Minas Gerais, Brasil. E-mail: danifantoni@hotmail.com
- b. Possui pós-doutorado em Geografia pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Guimarães, Portugal. Professora de Tecnologia em Gastronomia pela Universidade da Região de Joinville, Joinville, Santa Catarina, Brasil. E-mail: yonadalonso@hotmail.com
- c. Possui pós-doutorado em Engenharia Civil e Ambiental pelo Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. Professora de Engenharia Civil, Engenharia Urbana e Arquitetura da Universidade do Minho, Guimarães, Braga, Portugal. E-mail: jloure@civil.uminho.pt

## Resumen

### Modelos de evaluación de destinos turísticos: diseño y aplicabilidad

La presente investigación propone una lectura contextualizada de los modelos de evaluación de destinos turísticos y su itinerario evolutivo. De esta forma, se realiza un análisis crítico en relación a la aplicabilidad, así como a los principales aspectos observados en cuanto a los modelos seleccionados para el presente estudio: Leiper; Butler; Mathieson e Wall; Gunn, Mill e Morrison; Boullón; Beni; y Alvares. Como metodología de investigación, se utilizó la técnica de análisis de contenido de Bardin. A partir de la presente investigación, se observó que las teorías de evaluación de destinos turísticos proponen un análisis mucho más inductivo que asertivo del recorrido de desarrollo turístico. Finalmente, se concluyó que nuevas investigaciones son necesarias para perfeccionar modelos existentes, así como para el establecimiento de nuevos modelos capaces de evaluar el proceso de evolución del turismo, a partir de la diversidad y particularidad inherente a cada destino turístico.

**Palabras clave:** Modelos; Evaluación; Destino turístico; Desarrollo; Fenómeno turístico.

## INTRODUÇÃO

Inúmeras pesquisas relacionadas com a avaliação do fenômeno turístico vêm sendo desenvolvidas, há mais de 50 anos, no sentido de estabelecer eixos norteadores para o processo de evolução da atividade em destinos turísticos (Alvares, 2008; Arcese, Di Pietro, & Mugion, 2015; Beni, 1998; Boullón, 1997; Butler, 1980, 2006; Christaller, 1963; Dredge, 1999; Getz, 1986; Gunn, 1988, 2004; Leiper, 1979; Mathieson & Wall, 1982; Miossec, 1977; Pearce, 1995, 2008; Plog, 1973; Whitford, 2011; Yang, Ryan, & Zhang, 2014).

Muitas dessas investigações propõem a modelagem do turismo a partir da criação e da validação de modelos que expliquem o fenômeno turístico. De acordo com Alvares (2008), o modelo, como uma simplificação estruturada, abstrata e ideal de uma realidade complexa, é um meio para expressar ideias com o intuito de fazê-las convergir para o entendimento da realidade, assim como para projeções de futuro.

Com base nesses pressupostos, este artigo tem por objetivo realizar uma leitura contextualizada dos modelos de avaliação de destinos turísticos e de seu percurso evolutivo. Devido à complexidade da área, segue-se a linha de pesquisadores que defendem o turismo enquanto fenômeno (Boullón, 1997; Fuster, 1979; Goeldner, Ritchie, & McIntosh, 2002; Martínez, 2005; Moesch, 2000; Panosso Neto, 2005), uma vez que essa conceituação abarca dimensões relativas a questões sociais, políticas, econômicas e culturais a que as outras definições não se atêm.

Nesta pesquisa, após serem estabelecidos os procedimentos metodológicos, foi realizada uma vasta revisão bibliográfica sobre modelos de turismo. Na sequência, e a partir da perspectiva analítica, foram apresentados os modelos selecionados para este estudo, nomeadamente: Leiper (1979, 1990), Butler (1980), Mathieson e Wall (1982), Gunn (1988, 1994), Mill e Morrison (1985, 1992, 1998, 2007), Boullón (1997), Beni (1998) e Alvares (2008). Por fim, foi feita a discussão dos resultados, assim como as recomendações de estudos futuros.

## **METODOLOGIA**

Os pressupostos metodológicos seguidos neste artigo foram delineados conforme duas categorias metodológicas: a investigação teórica e a análise de conteúdo. De acordo com Rejowski (1999), os aspectos metodológicos dos estudos em turismo podem ser abordados de três formas:

- 1) visão reducionista: analisa detalhadamente o todo no qual estão inseridos. O enfoque do estudo está nos elementos, e não nas inter-relações;
- 2) visão holística: trata-se de uma visão que considera todas as partes inter-relacionáveis, não sendo passíveis de análise de forma isolada;
- 3) visão sistêmica: surge em função das limitações das aproximações reducionista e holística. A análise do turismo é feita com base em um sistema que permite observar particularidades do todo e, ao mesmo tempo, propriedades específicas das partes que compõem esse todo.

Finn, Elliott-White e Walton (2000) categorizam as investigações em turismo em três grupos: investigação teórica (sem evidência empírica), investigação empírica (sem teoria) e estudos descritivos. Primeiramente, foi realizada a análise teórica de modelos turísticos (investigação teórica), possibilitando, dessa forma, a realização de avaliações tanto holísticas quanto sistêmicas. Na sequência, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1977/2006) para o estudo dos modelos selecionados. Para Creswell (2007), qualquer técnica de análise de dados, em última instância, significa uma metodologia de interpretação e, como tal, possui procedimentos peculiares, envolvendo a preparação dos dados para a análise, visto que esse processo consiste em extrair sentido dos dados textuais e das imagens das fontes obtidas.

Com base na investigação teórica, este estudo partiu de uma vasta revisão de literatura sobre os modelos de turismo, acrescida de reflexões sobre a teoria de sistemas e o fenômeno turístico. Na sequência, selecionaram-se os modelos em análise e procedeu-se à descrição assim como à reflexão sobre cada um deles por meio da técnica de análise de conteúdo. Por fim, foi realizada a discussão dos resultados em perspectivas holística e sistêmica e apontaram-se as recomendações para investigações futuras.

## **MODELOS EM TURISMO E A TEORIA DE SISTEMAS**

Os modelos de avaliação surgem a partir de 1950, com o advento da era da informática, com o propósito de tornar as pesquisas desenvolvidas mais estruturadas e sustentadas em termos teóricos. Os modelos possuem, normalmente, diferentes escopos e são elaborados por métodos e técnicas diferentes, tendo proveniência de naturezas distintas, ou seja, advêm de equações matemáticas, programas computacionais, representações gráficas de fundo conceitual ou modelos teórico-conceituais.

No turismo, os primeiros estudos relacionados com os modelos de avaliação de destinos surgem a partir de 1960 (Butler, 1980; Christaller, 1963; Cohen, 1972; Getz, 1986; Leiper, 1979; Plog, 1973; Stansfield, 1978). Esses diversos modelos

têm como propósito contribuir para o entendimento dos vários elementos que compõem a atividade turística, seja por meio da sistematização do processo de planejamento e organização do turismo, ou pelo estabelecimento de previsões futuras e pela indicação de tendências. Uma série de abordagens sistêmicas têm sido propostas para entender os componentes do turismo, seu funcionamento e os papéis por ele desempenhados (Akin, 2015; Cole, 2012; Garay & Cànoves, 2011; Gunn, 1988, 1994; Lea, 1988; Leiper, 1979, 1990; McIntosh, Goeldner, & Ritchie, 1995; Mill & Morrison, 2007; Pearce, 1995; Witt e Moutinho, 1994).

Os estudos com base na teoria sistêmica do turismo podem ser considerados um marco fundamental para a compreensão dessa área (Dalonso, 2015). Na avaliação de Lohmann e Panosso Netto (2012), o estudo do turismo por meio da teoria geral de sistemas apresenta vantagens e desvantagens (Quadro 1). Nesse âmbito, destaca-se a possibilidade de segmentar o sistema do turismo, estudando-o em partes; ao mesmo tempo, contudo, essa separação pode gerar uma visão fragmentada do todo.

**Quadro 1** – Vantagens e desvantagens da teoria geral de sistemas

Vantagens	Desvantagens
Visão do turismo como um todo, possibilitando segmentar o sistema em partes e estudá-las separadamente.	A separação do sistema turístico facilita os estudos, no entanto pode ocasionar uma visão fragmentada do objeto de estudo.
Possibilita o estudo interdisciplinar do turismo, podendo-se separar o sistema turístico de outros.	Ao segmentar o turismo num sistema, corre-se o risco de limitar a análise da atividade, restringindo a visão do turismo como um todo.

**Fonte** – Elaborado a partir de Lohmann e Panosso Netto (2012)

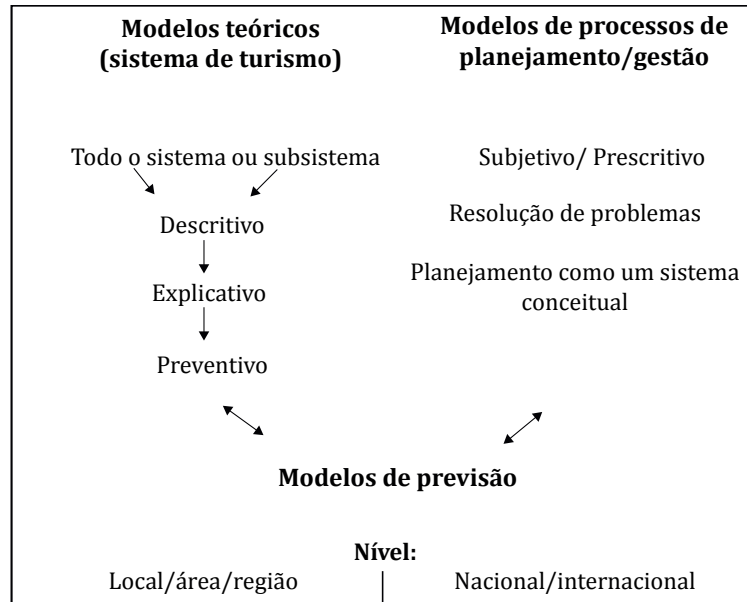
A partir de uma análise geográfica do movimento turístico e de seus fluxos, bem como das interações de seus componentes (Leiper, 1979), as aplicações dos sistemas de turismo têm sido amplamente utilizadas em vários campos, incluindo o marketing turístico (Formica, 2000; Zaheer, Albert, & Zaheer, 1999), o planejamento e desenvolvimento (Carlsen, 1999; Gunn, 1994) e a economia (Uysal, 1998). Embora houvesse precedentes notáveis (Christaller, 1963; Gilbert, 1939), a análise da evolução dos destinos turísticos revelou-se um interesse de pesquisa com a ascensão do turismo internacional como um fenômeno de massa. Na década de 1970, vários estudos identificaram o turismo de massa como o estágio final da evolução dos destinos (Miossec, 1977; Plog, 1973; Turner & Ash, 1975), o que acabaria fazendo com que os destinos perdessem sua capacidade de atração original (Baidal, Sánchez, & Rebollo, 2013).

## **CATEGORIZAÇÃO DE MODELOS DE TURISMO E DIFERENTES PERSPECTIVAS DE ANÁLISE**

Conforme Getz (1986), os modelos em turismo podem ser categorizados em três grandes grupos: modelos teóricos, modelos de processos de planejamento/gestão, e modelos de previsão (Figura 1). Além disso, a aplicação dos modelos pode ser concretizada em diferentes níveis (local, regional, bem como nacional ou internacional). Os modelos teóricos são utilizados para explicar o funcionamento dos sistemas e subsistemas e para prever os elementos neles presentes. Já os modelos de processos de planejamento/gestão seguem uma abordagem mais complexa, propondo uma

análise mais subjetiva em relação à forma de planejar o turismo, em que os modelos de resolução de problemas seguem uma determinada sequência de definição de objetivos até sua implementação. Por fim, os modelos de previsão referem-se às representações das tendências do turismo, utilizando-se de técnicas de avaliação subjetiva a partir dos modelos teóricos e de processos de planejamento/gestão.

**Figura 1** – Classificação dos modelos de turismo segundo Getz (1986)



Fonte – Getz (1986, tradução nossa)

Nesse mesmo estudo desenvolvido por Getz (1986) foram analisados mais de 150 modelos. A partir da análise feita por Scarpino (2010), em relação ao estudo de Getz (1986), foi proposto um quadro referencial para a classificação dos modelos de turismo a partir de alguns estudos selecionados (Quadro 2). De acordo com Scarpino (2010), as pesquisas em relação às teorias do turismo continuam a se desenvolver em um ritmo moderado, aparecendo em tópicos específicos, por exemplo, nos estudos de atrativos turísticos (Leiper, 1990), de demanda de turismo (Song & Witt, 2000), ou com foco no nível macro, lançando luz sobre a dinâmica nacional e global (Cornelissen, 2005).

**Quadro 2** – Alguns exemplos de modelos de turismo, segundo Getz (1986)

Modelos teóricos		Planejamento/gestão de modelos de processos		Modelos de previsão/modelos físicos	
<i>Sistemas completos</i>		Área de desenvolvimento		<i>Econométrico analógico elétrico</i>	
1964	Wolfe	1975	Bargur e Arbel	1966	Ellis e Van Doren
1981	Leiper	1977	Arnott		
1982	Van Doorn	1978	Lawson e Baud-Boy		
1982	Mathieson e Wall	1979	Gunn		
		1985	Mill e Morrison		
<i>Espacial/temporal</i>		<i>Desenvolvimento de projeto</i>		<i>Análise física</i>	
1964	Christaller	1978	Kaiser e Helber	1976	Parks Canada
1972	Plog				

(continua...)

**Quadro 2** – Continuação

Modelos teóricos		Planejamento/gestão de modelos de processos		Modelos de previsão/modelos físicos	
<i>Motivacional/comportamental</i>		<i>Gestão e marketing</i>		<i>Análise espacial</i>	
1972	Plog	1979	Doswell e Gamble	1980	Wander e Van Erden
1976	Clawson e Knetsch				
1982	Pearce				
1982	Iso-Ahola				
1984	Fridgen				
<i>Impactos gerais</i>		<i>Planejamento como um sistema conceitual</i>		<i>Econométrico</i>	
1978	Conselho da Europa	1978	Mathews	1982	Loeb
1981	Duffield e Long	1983	Getz		
<i>Impactos econômicos</i>					
1973	Lundgren				
1981	Duffield e Long				
1981	Pearce				
<i>Impactos sociais/culturais</i>					
1974	White				
1975	Doxey				
1977	Smith				
1982	Jafari				
1982	Kariel e Kariel				
1982	Konx				
1983	Getz				
<i>Impactos ecológicos</i>					
1977	Walle e Wright				
1981	Pearce				

Fonte – Traduzido de Scarpino (2010) com base em Getz (1986)

Um número muito limitado de estudiosos tem abordado a aplicação da teoria da complexidade no turismo (Baggio, 2008; Farrell & Twining-Ward, 2004; Faulkner & Russell, 1997; McKercher, 1999), mas as implicações do uso de sistemas complexos têm permitido uma maior compreensão do fenômeno turístico, caracterizando-se, assim, como uma forma mais moderna de avaliar os sistemas de turismo (Scarpino, 2010). No estudo desenvolvido por Pearce (1995, 2003), os espaços turísticos foram classificados a partir de quatro critérios de turismo: viagem ou ligação, de origem-destino, modelos estruturais e modelo de evolução (Quadro 3).

**Quadro 3** – Modelos do espaço turístico

Tipos	Ênfase	Autor	Características
De ligação	Componente ligação ou viagem	Mariot Campbell Greer-Wall Miossec	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Conceito de rotas (acesso/recreativa/retorno)</li> <li>– Percurso × estadia (excursionista × recreativo)</li> <li>– Mudanças no volume de viagens turísticas</li> <li>– Conceito de zonas sucessivas</li> <li>– Núcleos e cinturões</li> </ul>

(continua...)

Quadro 3 – Continuação

Tipos	Ênfase	Autor	Características
Origem-destino	Função geradora/receptora e sua integração recíproca	Lundgren Pearce	– Hierarquia espacial de circulação de viagens (tipos de destinos turísticos) – Interação geração/recepção + fluxo turístico
Estrutural	Relação núcleo/periferia	Britton	– Destinos dependentes – sistema comercial multinacional – enclave turístico em economias periféricas
Evolucionista	Mudanças nos movimentos turísticos e no desenvolvimento de estruturas de turismo. Conceito: “periferia do prazer”	Plog Butler Gormsen Miossec Oppermann	– Personalidade dos diferentes tipos de turistas (tipos psicográficos) – Ciclo de vida das áreas turísticas – Incorporação das mudanças no grau de participação local/regional no processo de desenvolvimento – Evolução estrutural de regiões turísticas no tempo e no espaço (instalações) – Combina estrutura espacial com o papel e o comportamento de diferentes grupos de turistas (existência de estruturas pré-turísticas)

Fonte – Elaborado a partir de Pearce (2003)

As interações espaciais e de reciprocidade, assim como a noção de hierarquia espacial, são características importantes desses modelos. O modelo de origem-destino, por exemplo, assume que os lugares estão em escalas distintas, mas os lugares que geram turistas podem ser também destinos turísticos. No entanto, em um modelo estrutural, os mercados turísticos estão centrados em uma hierarquia local, regional, nacional ou internacional.

A interação da oferta e da demanda nesse modelo estrutural é baseada na superioridade econômica e no desenvolvimento tecnológico das áreas. Por fim, o modelo de evolução explica os movimentos dos turistas, concentrando-se na perspectiva da evolução dos seus movimentos e no desenvolvimento estrutural do turismo. A interação dos mercados, com o objetivo de fornecer componentes, modifica-se ao longo do tempo, dependendo das características e do comportamento dos turistas (Pearce, 1995).

Além disso, Pearce (2003 apud Castro, 2006) enfatizou que a análise e a avaliação de dois componentes principais, incluindo recursos dos destinos (por exemplo, atrativos, hospedagem, transporte, infraestruturas) e os mercados existentes e potenciais (estatísticas de visitantes, satisfação do turista, mapeamento de recursos e avaliação), são procedimentos comuns no planejamento do turismo. Correlacionando a oferta e a demanda turística, estabelece-se a abordagem de base para o planejamento do turismo, em que a correspondência dos elementos da oferta e da demanda turística procura cumprir metas específicas, tais como o aumento de divisas, a geração de empregos e a minimização do impacto ambiental.

Na evolução dessas discussões, Dredge (1999) propôs uma extensa análise em relação aos modelos de turismo aplicados a regiões turísticas. No estudo foram analisados os modelos no período de 1969 a 1995 que surgiram com o propósito de auxiliar no planejamento de regiões turísticas. Os modelos são analisados a partir da estrutura espacial, da evolução hierárquica, dos padrões de viagem e das ligações. As diferentes perspectivas disciplinares a partir das quais esses modelos

têm evoluído são de grande utilidade para os planejadores, que são, por natureza, profissionais multidisciplinares. Os estudos desenvolvidos por Pearce (1995) fornecem, da mesma forma, visões gerais da análise proposta por Dredge (1999).

Na análise de Dredge (1999), os modelos estudados não apontam simplesmente para os atrativos visitados e pontos turísticos, mas também para os nós que contêm serviços turísticos e instalações. Nesse caso, os modelos possuem um bom ponto de partida para a exploração da estrutura nodal das regiões turísticas, caracterizando-se, desta forma, como referenciais conceituais para o planejamento e o desenvolvimento de projetos para essas regiões.

Entretanto, Dredge (1999) estabelece cinco importantes considerações em relação à aplicabilidade dos modelos. Em primeiro lugar, os modelos relacionados com os padrões de viagem e ligações foram inicialmente desenvolvidos com base em regiões de destino da América do Norte, onde dominam os deslocamentos por meio de automóvel, resultando, assim, na sua aplicabilidade limitada para outros tipos de regiões turísticas.

Em segundo lugar, a maioria dos modelos estruturais têm sido desenvolvidos a partir de estudos empíricos em que a estrutura física de existência de um destino é analisada de forma generalizada, com o fim de explicar o processo espaço-evolutivo de diferentes *resorts* costeiros. Por exemplo, Miossec (1977) descreve a evolução de um destino com base nas características espaciais, nos meios de transporte, no comportamento do turista e nas atitudes dos decisores e da comunidade. Esses modelos fornecem aos planejadores uma compreensão dos processos pelos quais o fenômeno veio a se constituir; no entanto, não ajudam na identificação da estrutura ideal de um espaço turístico.

Em terceiro lugar, os modelos evolutivos apresentados no estudo são um grupo diverso que abordam vários aspectos da região de desenvolvimento do destino. O modelo aloentríco-psicocêntrico de Plog (1973) e o modelo de ciclo de vida do destino de Butler (1980) são exemplos amplamente citados, com importantes críticas (Getz, 1992; Haywood, 1986). Apesar de tentarem descrever um processo evolutivo, esses modelos não são nem de previsão, nem explicativos e, portanto, têm uso limitado para o planejamento das regiões turísticas.

Em quarto lugar, a maioria dos modelos não têm aplicabilidade ampla em diferentes tipos de destino, como ilhas e destinos terrestres, ou escalas (por exemplo, regiões ou países). Também não são amplamente aplicáveis a diferentes mercados, como um equipamento turístico ou um cruzeiro.

Em quinto lugar, as investigações em relação à natureza dos diferentes componentes que constituem uma região turística são ainda escassas, limitando, assim, sua aplicabilidade no processo de planejamento dos destinos, bem como restringindo a análise sistêmica da atividade turística nas regiões.

Apesar dessas críticas, Dredge (1999) aponta que há uma série de ideias importantes que surgem a partir da análise dos modelos existentes e constituem a base para o desenvolvimento de um modelo espacial para planejamento de regiões turísticas.

## **REFLEXÃO SOBRE ALGUNS MODELOS DE AVALIAÇÃO DE DESTINOS TURÍSTICOS**

A partir da classificação proposta por Getz (1986), Pearce (1995, 2003) e Dredge (1999) e do estudo alargado de modelos constituídos ao longo das



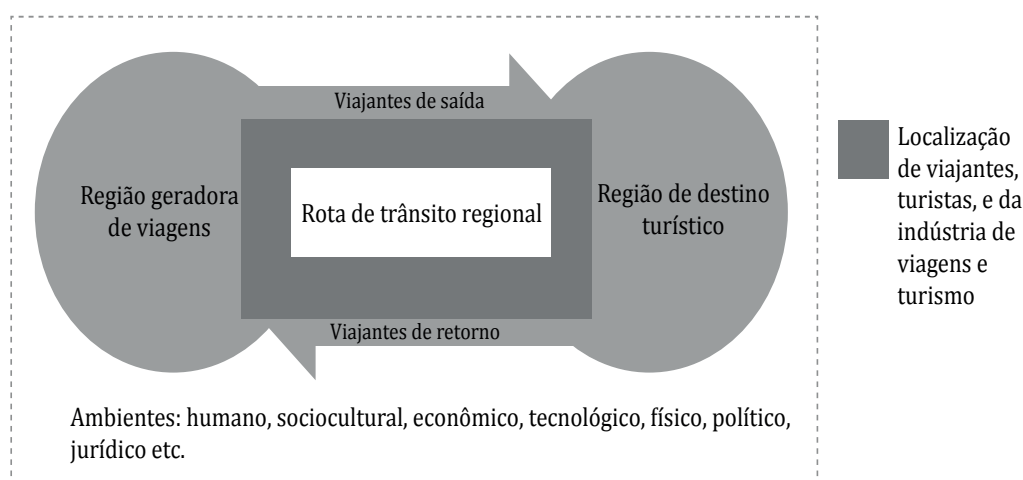
últimas décadas (Alvares, 2008; Beni, 1998; Cole, 2012; Garay & Cànoves, 2011; Hovinen, 2002; Huimin & Ryan, 2011; Ma & Hassink, 2013), propõe-se analisar neste artigo oito modelos teórico-conceituais, com suas mais variadas proposições e finalidades.

Nesse âmbito, foram escolhidos os modelos de Leiper (1979, 1990), Butler (1980), Mathieson e Wall (1982), Gunn (1988, 1994), Mill e Morrison (1985, 1998, 2007), Boullón (1997), Beni (1998) e Alvares (2008). Os critérios de escolha dos modelos permearam: (1) aspectos relativos à visibilidade no ambiente acadêmico internacional; (2) diferentes perspectivas de análise sobre o fenômeno turístico; e (3) potencial de aplicabilidade a destinos turísticos.

## Modelo de Leiper

No modelo proposto por Leiper (1979), o sistema do turismo é composto por cinco elementos: áreas geradoras de turismo, turistas, regiões de trânsito, regiões receptoras de turismo e a indústria turística. Esses elementos estão inter-relacionados com os ambientes físicos, culturais, sociais, econômicos, políticos e tecnológicos (Figura 2). Considerando-os como caminhos que ligam a região geradora à região de destino turístico e às viagens dos turistas, como rotas de trânsito, cada um dos elementos do sistema turístico de Leiper (1979) interage nos diferentes contextos em que ocorre o turismo.

**Figura 2 – Sistema do turismo**



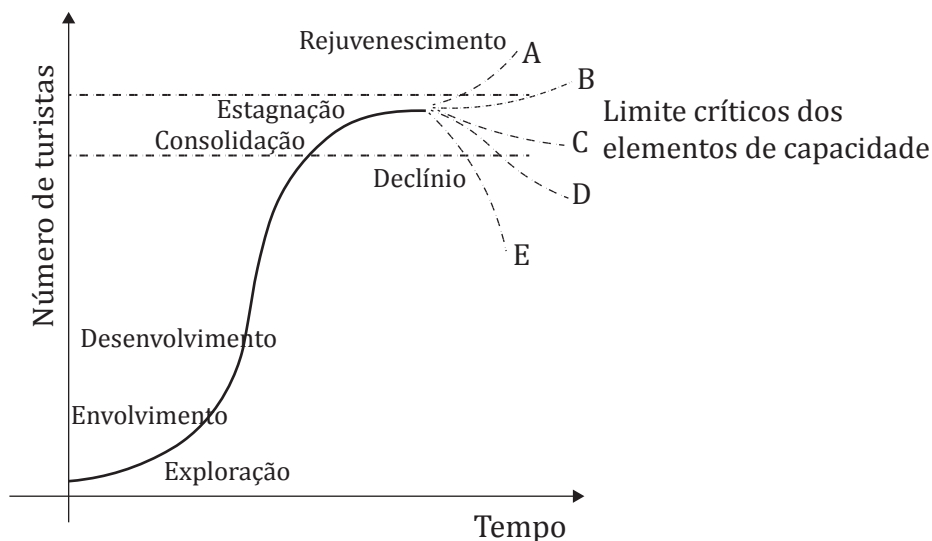
**Fonte** – Elaborado a partir de Leiper (1979)

As principais vantagens do modelo de Leiper são sua aplicabilidade geral e simplicidade. Um autor que corrobora essa leitura é Panosso Neto (2005), ao afirmar que o modelo de Leiper é de fácil compreensão e acrescentar que este tem capacidade de abranger grande parte das facetas do fenômeno turístico. Muitos anos após sua criação, o modelo ainda se apresenta como um referencial teórico-conceitual no meio acadêmico (Cooper, Gilbert, Fletcher, & Wanhill, 1993). No entanto, uma análise mais crítica indica alguns aspectos a serem revistos em relação ao modelo, especialmente quanto ao fato de a representação dos fluxos estar muito mais identificando o sentido de um intercâmbio entre as regiões de origem e de destino do que um movimento circular dos indivíduos (Leiper, 1990).

## Modelo de Butler

Butler adaptou os modelos de ciclo de vida do produto para o turismo e consolidou o ciclo de vida da área turística (Butler, 1980), do inglês *tourism area life cycle*, conhecido como TALC (Gráfico 1). O modelo de ciclo de vida em um destino turístico pode ser traduzido, segundo Butler, por uma curva em “S” estabelecida pela relação número de turistas *versus* tempo. Esse modelo é ainda hoje um dos mais citados nas análises do turismo (Hall, 2006). Para Butler, as variáveis consideradas estão relacionadas ao número de turistas em um determinado período de tempo, somatório esse que determina as fases do turismo. As fases de “exploração”, “envolvimento”, “desenvolvimento”, “consolidação”, “estagnação” e, posteriormente, “declínio” ou “rejuvenescimento” foram estabelecidas por esse pesquisador.

**Gráfico 1** – Modelo de Butler (1980) para a evolução hipotética da área turística



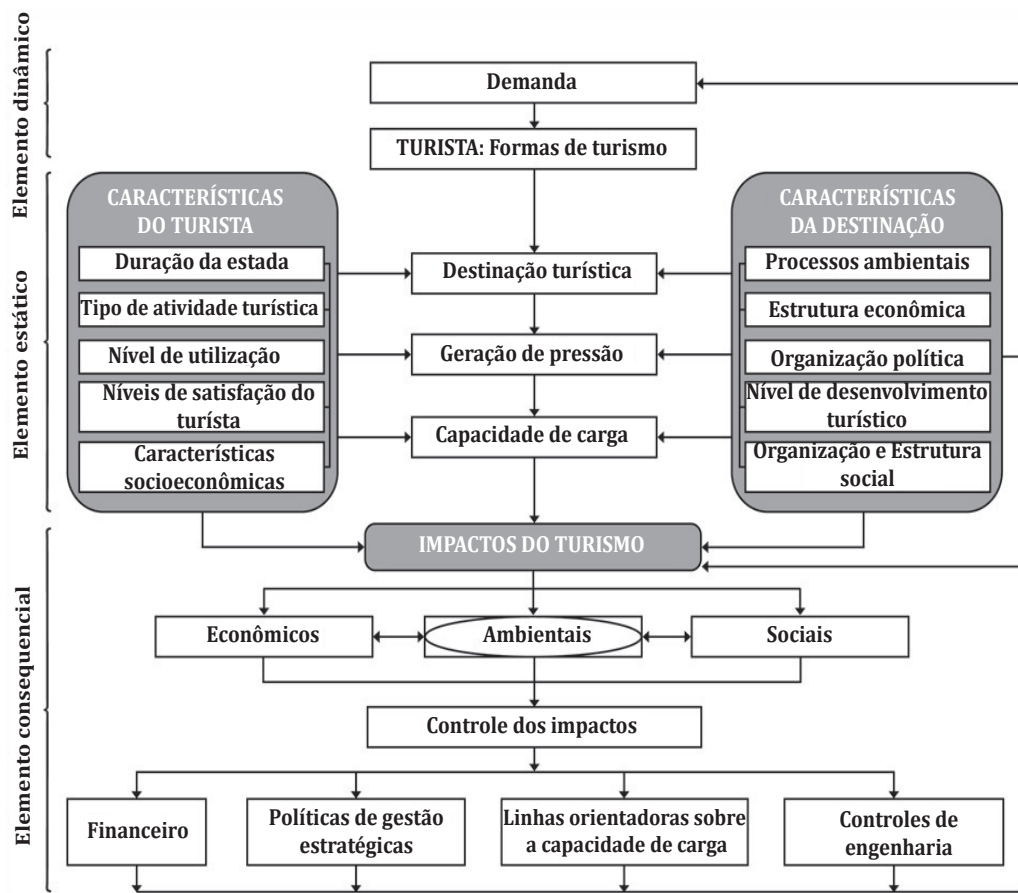
**Fonte** – Elaborado a partir de Butler (1980)

Vários autores propuseram algumas modificações com relação ao número e à extensão das fases inicialmente propostas por Butler, o que pode ser observado ainda hoje, mas mantiveram o princípio de modelar apenas uma curva associada ao desenvolvimento da atividade turística. São citados entre os pesquisadores que utilizaram modelos similares ao de Butler: Keys (1985), Haywood (1986), Knowles (1996), Berry (2001), Russo (2002), Cooper e Jackson (1989), Cooper (1990, 1992), Hernández e León (2003), e Flores et al. (2006). Por fim, destaca-se que o modelo proposto por Butler (1980) foi aplicado em estudos de caso em diversos destinos mundiais.

## Modelo de Mathieson e Wall

Os primeiros estudos sobre os efeitos da atividade turística estavam restritos às análises econômicas, sobretudo a seus benefícios, e só a partir da década de 1990 os aspectos socioculturais foram levados em conta (Mathieson & Wall, 1982). Uma dessas propostas de análise precursoras foi estabelecida pelo modelo de Mathieson e Wall, na década de 1980 (Figura 3).

Figura 3 – Impactos do turismo

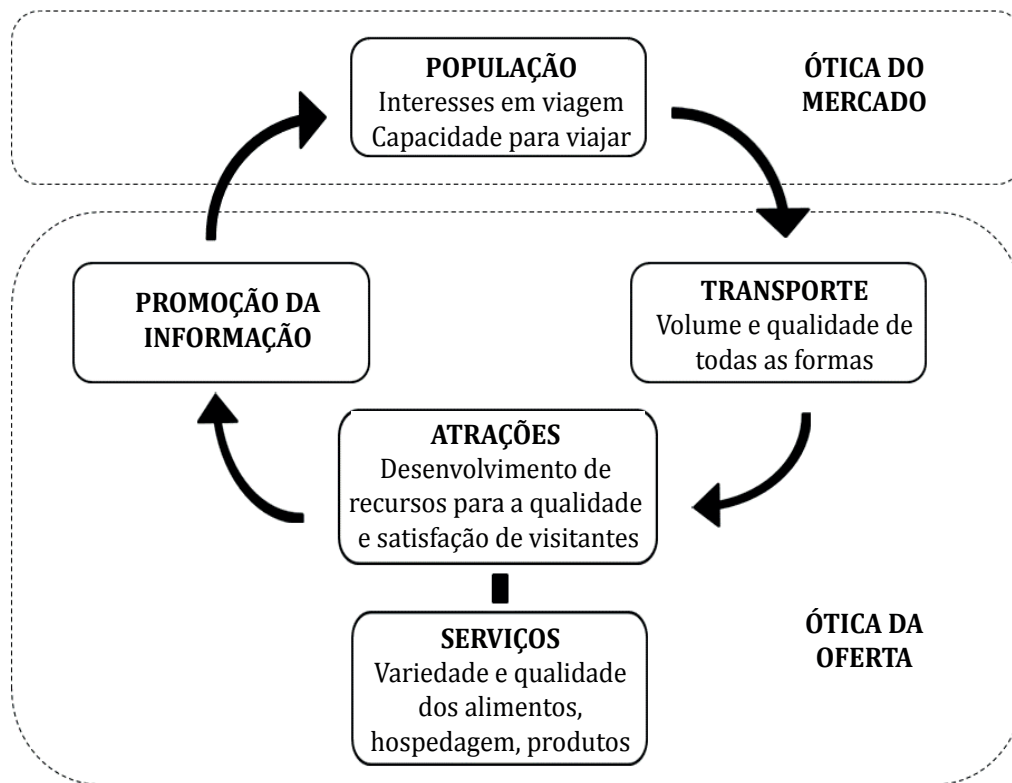


Fonte – Elaborado a partir de Mathieson e Wall (1982)

Um dos avanços desse modelo é que ele estabelece elementos para mensuração das relações entre os turistas e os processos gerados nos destinos turísticos, além de considerar as pressões, a capacidade de carga e a necessidade de controle de impactos econômicos, ambientais e sociais. Nesse âmbito, é importante enfatizar que os modelos de medida de impactos mais conhecidos são os que avaliam o impacto econômico sobre emprego e renda, mas poucos avanços foram feitos em modelos que avaliem de forma sistêmica a influência positiva ou negativa que o turismo exerce sobre o território e sua população no que se refere a aspectos socioculturais e ambientais.

### Modelo de Gunn

O modelo proposto por Gunn (1988, 1994) (Figura 4) é estruturado para distinguir a oferta da demanda, no qual são apresentadas as ligações entre os componentes, incluindo população (lado da demanda); e informação/promoção, transporte, atrativos e instalações/serviços (lado da oferta). O modelo mostra como a demanda e a oferta interagem para aumentar o desenvolvimento do turismo regional. O lado do fornecimento é representado por cinco componentes interdependentes de atrativos, transporte, informação, promoção e serviços (Gunn, 1994), de modo que a mudança de um componente terá efeito sobre os outros componentes do sistema.

**Figura 4** – Modelo de sistema turístico

**Fonte** – Elaborado a partir de Gunn (1988)

O nível de funcionamento de cada componente depende em grande parte de muitos fatores externos, incluindo os recursos naturais e culturais, a organização, a liderança, as finanças, o trabalho, o empreendedorismo, a comunidade, a concorrência e as políticas governamentais.

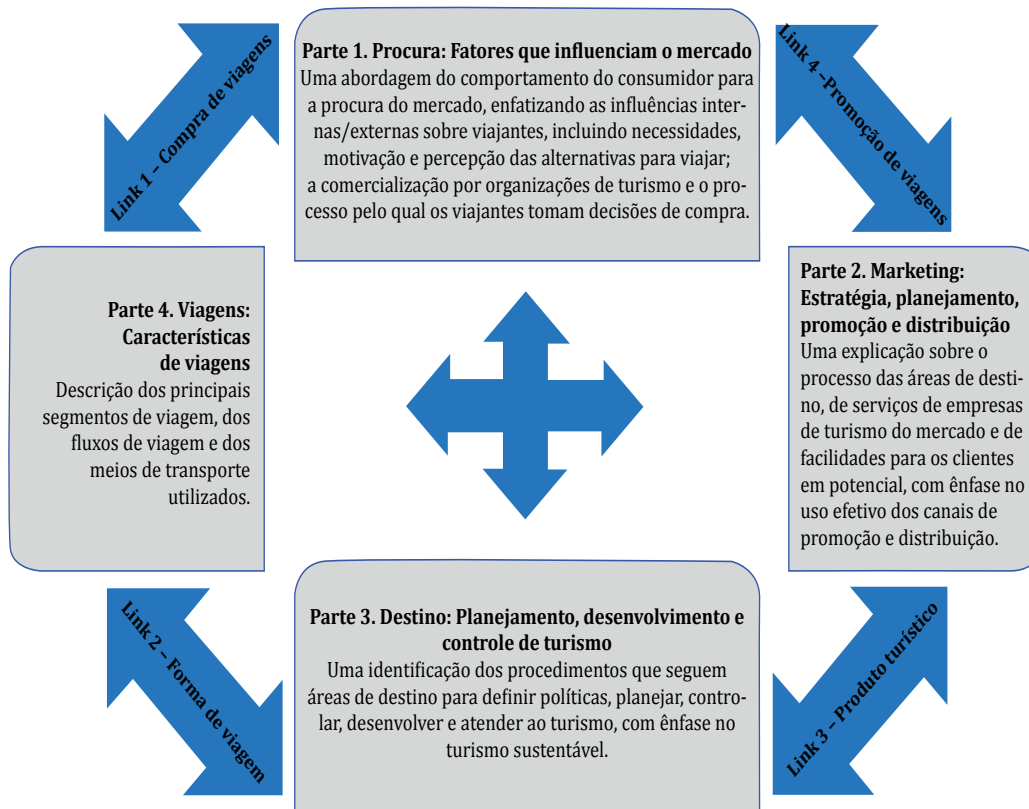
No modelo de sistema turístico proposto por Gunn (1988), seus principais componentes se concentram em empresas de hospedagem ou agências intermediárias, com o propósito de demonstrar a visão do turismo como um sistema que deve funcionar de forma dinâmica.

O próprio autor reconheceu que uma das principais mudanças ocorridas no turismo nas últimas décadas foi o aumento significativo de pesquisas científicas, especialmente no que diz respeito à satisfação do visitante e à integração dos residentes e dos turistas com a proteção ambiental, a partir de uma abordagem sistêmica (Gunn, 2004). No entanto, o desafio encontrado por investigadores e profissionais tem sido o de aplicar as conclusões e recomendações mais elementares propostas – devido à natureza complexa do turismo, bem como ao seu rápido crescimento e desenvolvimento.

### Modelo de Mill e Morrison

O modelo sistêmico de turismo proposto por Mill e Morrison (1985, 1998, 1992, 2007) inclui quatro dimensões básicas: o mercado (os turistas), as viagens (transporte), o destino (atrações, instalações e serviços) e a comercialização (informação e promoção), com cada componente intimamente ligado aos outros (Figura 5).

Figura 5 – O modelo sistêmico de turismo



Fonte – Elaborado a partir de Mill e Morrison (1992)

Em primeiro lugar, temos os elementos da demanda, que se relacionam com o comportamento dos turistas. Em segundo lugar, o modelo apresenta o marketing desenvolvido por organizações para promover e distribuir produtos e serviços turísticos. Em terceiro lugar, apresentam-se os elementos relacionados com o planejamento, o desenvolvimento e o controle do turismo no destino. Em quarto lugar, o modelo inclui a viagem e os fluxos, assim como o transporte.

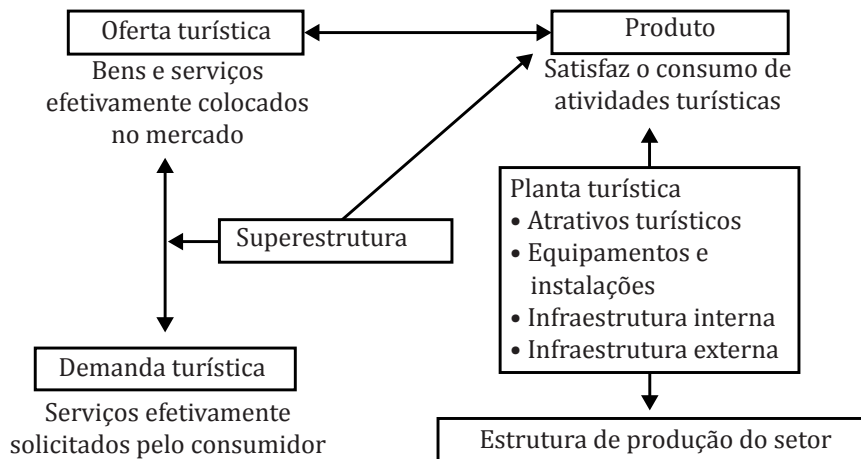
O modelo ressalta, da mesma forma, a importância da sustentabilidade econômica do sistema para os destinos turísticos. Sugere ainda que o próprio destino é um sistema que consiste em uma mistura de atrativos e serviços, onde cada parte é dependente de outras para o sucesso da atração, a manutenção e a satisfação do turista.

## Modelo de Boullón

O modelo de Boullón (1997) se atém ao detalhamento dos elementos integrantes do sistema turístico (Figura 6). Esse modelo considera a relação oferta × demanda, a intervenção da superestrutura (órgãos públicos, privados e demais gestores da atividade turística) nas relações de oferta e demanda, assim como seu papel na formatação de produtos, a partir da equacionalização da oferta e da planta turística (atrativos turísticos, infraestrutura, equipamentos e instalações – hospedagem, alimentação, entretenimento –, além de outros serviços, como o das agências de viagem).

O modelo de Boullón (1997) possibilita uma visualização sistêmica e clara sobre o funcionamento do turismo a partir da representação e da inter-relação de seus principais componentes.

**Figura 6 – Modelo de Boullón: oferta × demanda**

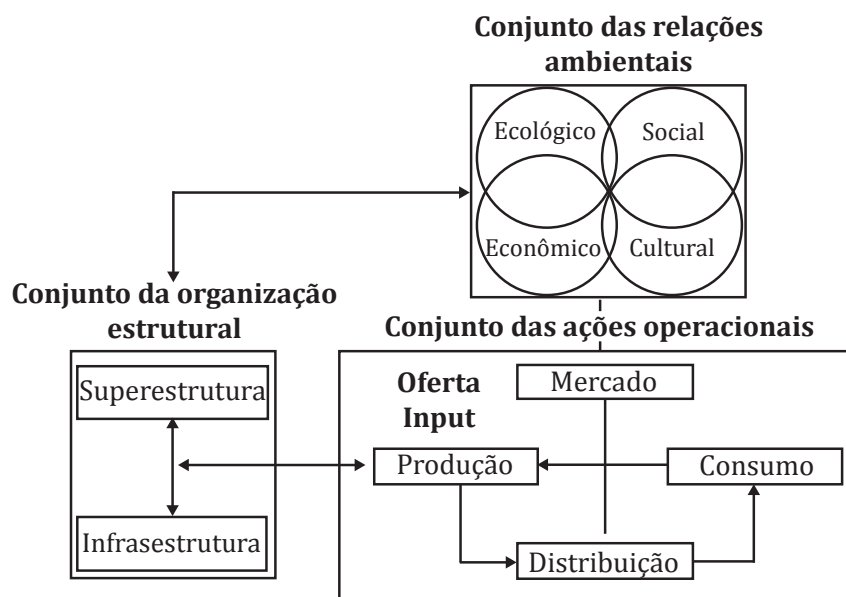


Fonte - Elaborado a partir de Boullón (1997)

## Modelo de Beni

O Sistema de Turismo de Beni (1998), mais conhecido como Sistur (Figura 7), consiste em um sistema aberto, visto que as partes interagem com o meio envolvente. Esse modelo é um avanço em relação ao de Boullón (1997) por detalhar melhor a superestrutura, a infraestrutura e as relações entre oferta e demanda, além de considerar as relações ambientais do sistema no que tange aos aspectos ecológico, social, econômico e cultural. Além disso, constitui um avanço devido à definição de formas de realização de modelagem, com o delineamento de alguns indicadores para análise dos elementos do sistema. O Sistur de Beni consiste nas relações dos subsistemas integrantes de três sistemas, a saber: relações ambientais, organização estrutural e ações operacionais.

**Figura 7 – Sistema de Turismo (Sistur)**



Fonte - Elaborado a partir de Beni (1998)

O modelo de Beni (1998) é rico no detalhamento das relações que constituem o turismo, sendo útil para a compreensão holística/sistêmica da atividade. No entanto, devido à complexidade inerente a esse tipo de análise e ao grande número de elementos contemplados pelo Sistur, sua aplicação é dificultada.

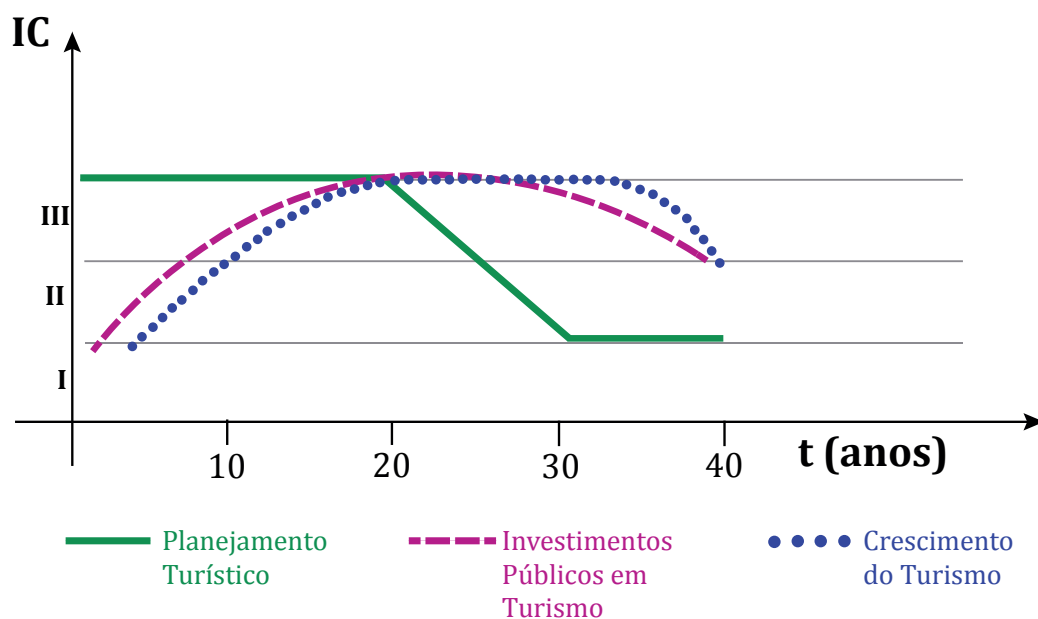
Em quase 30 anos de existência (o livro de Beni é de 1998, mas o modelo é de 1988, data de defesa da tese de doutorado em que propôs o Sistur), o modelo foi muito citado em pesquisas acadêmicas no Brasil e é utilizado como base teórico-conceitual em estudos de mercado. No entanto, sua aplicação prática a estudos de caso em destinos turísticos ainda é incipiente.

O próprio Beni aplicou o modelo em apenas um destino, a saber, Costa Oeste (Beni, 1999), região localizada no extremo oeste do estado do Paraná, junto às fronteiras do Brasil, da Argentina e do Paraguai. Pela análise dos resultados dessa aplicação na Costa Oeste, constata-se que o Sistur se constituiu como base teórica e não foi, realmente, modelado para o caso em análise, ou seja, o modelo estabelece o que deve ser feito e não é utilizado na prática como instrumento de análise do comportamento dos elementos do sistema de turismo na localidade.

## Modelo de Alvares

O modelo de análise do processo turístico (MAPT) de Alvares (2008) pretende contribuir para uma maior aplicação de modelos de ciclo de vida do turismo, associada à análise de processos. O MAPT foi elaborado a partir dos modelos de Butler (1980), já apresentado neste artigo, e Louraenço (2003), que desenvolveu um modelo para áreas de expansão urbana. O MAPT considera três variáveis, a saber: planejamento turístico, investimentos públicos em turismo e crescimento do turismo (Gráfico 2).

**Gráfico 2** – Modelo de análise do processo turístico (MAPT)



Fonte – Elaborado a partir de Alvares (2008)

Apesar do conceito de ciclo de vida estar bastante difundido, tanto no marketing como no posicionamento estratégico, verificam-se dificuldades de operacionalizá-lo (Gonçalves & Águas, 1995). Neste sentido, enfatiza-se que o MAPT é um modelo capaz de proporcionar suporte a esses estudos, mesmo com as dificuldades de compilação de dados em um período temporal alargado.

Em contrapartida ao modelo de Butler (1980), o MAPT estabelece as variáveis supracitadas e seus respectivos indicadores, sendo um indicador simples (capital público investido no turismo), para mensuração da variável investimentos públicos em turismo; um composto (unidades habitacionais  $\times$  taxa de ocupação), para avaliação do crescimento do turismo; e um advindo de análise multicritério (planos, programas, estratégias/diretrizes, estudos, participação pública), para análise da variável planejamento turístico. No que concerne às críticas de Gonçalves e Águas (1995), enfatiza-se que o MAPT se apresenta como um modelo mais complexo que o de Butler (1980) e que os indicadores delimitados fornecem proposições para tais críticas.

O modelo de Alvares (2008) foi aplicado pela autora nos destinos turísticos de Salvador (Brasil), Ouro Preto (Brasil) e, anteriormente, durante pré-teste, na Ilha de Fernando de Noronha (Brasil) e na Ilha da Madeira (Portugal). Apesar de ser referenciado de forma teórico-conceitual em outras investigações, o MAPT, assim como o modelo de Beni, precisa ser modelado para outros destinos turísticos.

## **ANÁLISE DE RESULTADOS**

Com o propósito de aprofundar o entendimento dos modelos de avaliação em turismo, este estudo possibilitou a análise epistemológica de conceitos e definições em relação à temática, bem como apresentou um histórico de desenvolvimento de estudos e pesquisas dos modelos de turismo constituídos em diferentes perspectivas.

A partir da abordagem teórico-conceitual, percebeu-se que os modelos sistêmicos em turismo incluem, entre outras questões, a importância do planejamento para melhorar a eficiência, bem como a responsabilidade social e a sustentabilidade dos destinos (Devine & Devine, 2011; Gössling, Scott, Hall, Ceron, & Dubois, 2012; Johnson & Sieber, 2011; Padin, 2012). Observou-se, da mesma forma, que os sistemas de turismo não se apresentaram, necessariamente, de forma linear e previsível, tornando difícil o planejamento preciso (Farrell & Twining-Ward, 2004; McKercher, 1999). A natureza imprevisível do turismo e o fracasso de muitos modelos no processo de planejamento sugerem a necessidade de desenvolvimento de estudos integrados em uma perspectiva sustentável e em longo prazo (McKercher & Wong, 2004; Ritchie, 2004).

Em virtude das distintas realidades existentes em cada destino turístico, concluiu-se que há a necessidade de avaliar, dentro dos modelos existentes, quais componentes se adaptam aos diferentes cenários que se quer analisar. Assim, esta pesquisa procurou contemplar a análise de modelos que permitissem conglomerar as mais diversas variáveis que, no seu conjunto, traduzissem melhor a(s) realidade(s) que se pretende conhecer. No Quadro 4 são apresentados os principais pontos fortes dos modelos analisados pela pesquisa, assim como suas limitações de aplicabilidade e algumas reflexões.



**Quadro 4** – Principais pontos fortes e limitações dos modelos analisados

<b>Modelo</b>	<b>Pontos fortes</b>	<b>Limitações de aplicabilidade</b>
Leiper (1979, 1990)	– Representação visual de fácil compreensão; – Trinta anos após sua criação, o modelo ainda se apresenta como um referencial teórico-conceitual no meio acadêmico.	– Não define indicadores para aplicabilidade a destinos.
Butler (1980)	– Aplicado em diversos destinos; – É reconhecido academicamente e tem sido bastante utilizado para explicar a evolução de destinos.	– Não contribui com análises mais aprofundadas sobre o desenvolvimento turístico em determinado destino.
Mathieson e Wall (1982)	– Modelo precursor dos impactos socioeconômicos e ambientais do turismo.	– Apesar de fornecer algumas orientações de análise, não define indicadores.
Gunn (1988, 1994)	– Considera elementos da oferta e da demanda turística, demonstrando preocupação com mudanças que possam ocorrer em um componente do sistema e com seu efeito sobre os outros componentes.	– Considera diversos elementos de análise, mas não define indicadores.
Mill e Morrison (1985, 1998, 1992, 2007)	– Introduce alguns elementos de análise que não eram considerados em outros modelos, a saber, o planejamento turístico e o marketing.	– Devido à grande quantidade de elementos de análise e à falta de indicadores, a aplicabilidade do modelo a destinos turísticos fica dificultada.
Boullón (1997)	– Representação visual de fácil compreensão; – Além de considerar a relação oferta × demanda, já se preocupa com os atores sociais representados no modelo pela superestrutura.	– Não define indicadores para aplicabilidade a destinos.
Beni (1998)	– Detalha mais a superestrutura, a infraestrutura e as relações entre oferta e demanda, além de considerar as relações ambientais do sistema no que tange aos aspectos ecológico, social, econômico e cultural.	– Sua aplicação é dificultada pela complexidade inerente a esse tipo de análise e pelo grande número de elementos contemplados pelo modelo.
Alvares (2008)	– Possibilita a análise de processos de desenvolvimento turístico a partir da perspectiva da oferta e da demanda, do planejamento da atividade, assim como dos investimentos públicos em turismo.	– Apesar de possuir indicadores bem delineados, a dificuldade de aplicabilidade desse modelo se encontra na coleta de dados.

**Fonte** – Elaborado pelas autoras (2017)

Os trabalhos de Leiper (1979, 1990), Mathieson e Wall (1982), Gunn (1988, 1994), Mill e Morrison (1985, 1992, 1998, 2007) e Boullón (1997) são modelos cuja representação visual permite a compreensão holística das análises turísticas, mas, dada a abordagem sistêmica de inúmeras matérias, não foram aplicados, pelo que conhece, em estudos de caso.

Os modelos de Beni (1998) e Alvares (2008) vêm sendo modelados, mas ainda de forma incipiente. De forma geral, esses modelos são utilizados por outros investigadores como teoria de base, sendo referenciais para reforçar pesquisas em turismo, sob as mais variadas perspectivas, além de se constituírem em elementos de suporte para novas propostas teórico-conceituais.

O modelo de Butler (1980), apesar de ser referenciado internacionalmente e de ter sido modelado para diversos destinos, possibilita a análise do destino apenas a

partir da perspectiva da demanda turística, com avaliação do número de turistas. Uma das críticas ao modelo de Butler (1980) é que este considera apenas as dinâmicas internas que ocorrem em um destino, esquecendo-se de analisar a estrutura da atividade turística, assim como a concorrência com outros destinos (Debbage, 1990).

Destaca-se que Debbage (1990) estabelece um aspecto fundamental para a compreensão holística e não fragmentada do processo turístico, o que possibilita o estabelecimento de estratégias mais assertivas, a partir da análise das inter-relações dos elementos integrantes do complexo sistema turístico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da abordagem teórico-conceitual, percebeu-se que os modelos sistêmicos em turismo incluem, entre outras questões, a importância do planejamento para melhorar a eficiência, bem como a responsabilidade social e a sustentabilidade dos destinos. Observou-se, da mesma forma, que os sistemas de turismo não se apresentaram, necessariamente, de forma linear e previsível, tornando difícil o planejamento preciso. A natureza imprevisível do turismo bem como o fracasso de muitos modelos no processo de planejamento sugerem o desenvolvimento de estudos integrados numa perspectiva sustentável e em longo prazo.

É relevante considerar que as teorias de avaliação de destinos turísticos propõem uma análise muito mais indutiva do que assertiva do percurso de desenvolvimento turístico. Assim, a realização de novos estudos e a aplicação dessas teorias afiguram-se como instrumentos estratégicos para o diagnóstico e o monitoramento do percurso de desenvolvimento turístico dos destinos. Para tanto, tornam-se necessários novos estudos para o desenvolvimento de modelos passíveis de avaliar o processo de desenvolvimento turístico a partir da diversidade e da particularidade inerente a cada destino.

Constata-se que este estudo possibilitou a análise de uma série de modelos em turismo, desde sua categorização até ponderações teórico-conceituais a seu respeito. Permitiu, ainda, a reflexão sobre a concepção de alguns modelos de avaliação de destinos turísticos, em específico os modelos de Leiper; Butler; Mathieson e Wall; Mill e Morrison; Gunn; Boullón; Beni; e Alvares.

Conclui-se, por fim, que a modelagem de processos em destinos turísticos é, ainda, uma área incipiente em pesquisas, principalmente em análises teóricas com aplicação prática. Nesse cenário, a pesquisa aplicada se faz cada vez mais premente, com o intuito de: (1) dar suporte a gestores públicos e orientar a elaboração de políticas públicas em turismo; (2) subsidiar decisões da iniciativa privada que atuam no turismo; (3) embasar estudos preventivos e de previsão; assim como (4) contribuir com análises holísticas e sistêmicas do complexo fenômeno turístico.

---

## **REFERÊNCIAS**

- Akın, M. (2015). A novel approach to model selection in tourism demand modeling. *Tourism Management*, 48, 64-72. doi:10.1016/j.tourman.2014.11.004
- Alvares, D. (2008). *Avaliação de planos-processo em áreas de desenvolvimento turístico* (Tese de doutoramento). Universidade do Minho, Portugal.

- Arcese, G., Di Pietro, L., & Mugion, R. G. (2015). Social life cycle assessment application: Stakeholder implication in the cultural heritage sector. In S. Muthu (Ed.), *Social life cycle assessment: An insight* (pp. 115-146). doi:10.1007/978-981-287-296-8\_4
- Baggio, R. (2008). Symptoms of complexity in a tourism system. *Tourism Analysis*, 13(1), 1-20. doi:10.3727/108354208784548797
- Baidal, I., J. A., Sánchez, I. R., & Rebollo, J. F. V. (2013). The evolution of mass tourism destinations: New approaches beyond deterministic models in Benidorm (Spain). *Tourism Management*, 34, 184-195. doi:10.1016/j.tourman.2012.04.009
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego e A. Pinheiro, trads.). Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1977)
- Beni, M. (1998). *Análise estrutural do turismo* (2ª ed.). São Paulo, SP: Editora Senac.
- Beni, M. (1999). Política e estratégia do desenvolvimento regional: roteiro metodológico com base na instrumentalização e operacionalização do Sistur – Sistema de Turismo aplicado ao projeto Costa Oeste – estudo de caso. *Turismo: Visão e ação*, 3, 51-70. doi:10.14210/rtva.v2n3.p51-70
- Berry, E. N. (2001). *An application of Butler's (1980) tourist area life cycle theory to the Cairns Region, Australia 1876-1998* (PhD thesis). James Cook University of North Queensland, Austrália.
- Boullón, R. (1997). *Planificación del espacio turístico* (3ª ed.). México, DF: Trillas.
- Butler, R. (1980). The concept of a tourism area of life cycle of evolution: implications for management of resources. *Canadian Geographer*, 19(1), 5-12. doi:10.1111/j.1541-0064.1980.tb00970.x
- Butler, R. (2006). *The tourism area life cycle: Applications and modifications* (Vol. 1). Bristol, UK: Channel View Publications.
- Carlsen, J. (1999). A systems approach to island tourism destination management. *Systems Research and Behavioral Science*, 16(4), 321-327. doi:10.1002/(SICI)1099-1743(199907/08)16:4%3C321::AID-SRES255%3E3.0.CO;2-5
- Castro, N. A. R. (2006). *O lugar do turismo na ciência geográfica: Contribuições teórico-metodológicas à ação educativa* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Christaller, W. (1963). Some considerations of tourism location in Europe: The peripheral regions underdeveloped countries recreation areas. *Papers of the Regional Science Association*, 12, 95-105. doi:10.1111/j.1435-5597.1964.tb01256.x
- Cohen, E. (1972). Toward a sociology of international tourism. *Social Research*, 39(1), 164-182. Recuperado de <https://bit.ly/2GgJPdU>
- Cole, S. (2012). A political ecology of water equity and tourism: A case study from Bali. *Annals of Tourism Research*, 39(2), 1221-1241. doi:10.1016/j.annals.2012.01.003
- Cooper, C. (1990). Resorts in decline: The management response. *Tourism Management*, 11(1), 63-67. doi:10.1016/0261-5177(90)90009-X
- Cooper, C. (1992). The life cycle concept and strategic planning for costal resorts. *Built Environment*, 18(1), 57-66. Recuperado de <https://bit.ly/2VAvuOF>
- Cooper, C., & Jackson, S. (1989). Destination life cycle: The Isle of Man case. *Annals of Tourism Research*, 16, 377-398. doi:10.1016/0160-7383(89)90051-0
- Cooper, C., Gilbert, D., Fletcher, J., & Wanhill, S. (1993). *Tourism: Principles and practice*. London, UK: Longman Group.
- Cornelissen, S. (2005). *The global tourism system: Governance, development and lessons from South Africa*. Farnham, UK: Ashgate Publishing.

- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativos, quantitativo e misto* (2ª ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Dalonso, Y. (2015). *Avaliação de políticas públicas de desenvolvimento turístico das cidades de Gramado (Brasil) e Rovaniemi (Finlândia)* (Tese de doutoramento). Universidade do Minho, Portugal.
- Debbage, K. (1990). Oligopoly and the resort cycle in the Bahamas. *Annals of Tourism Research*, 17, 513-527. doi:10.1016/0160-7383(90)90024-L
- Devine, A., & Devine, F. (2011). Planning and developing tourism within a public sector quagmire: Lessons from and for small countries. *Tourism Management*, 32(6), 1253-1261. doi:10.1016/j.tourman.2010.11.004
- Dredge, D. (1999). Destination place planning and design. *Annals of tourism research*, 26(4), 772-791. doi:10.1016/S0160-7383(99)00007-9
- Farrell, B. H., & Twining-Ward, L. (2004). Reconceptualizing tourism. *Annals of Tourism Research*, 31(2), 274-295. doi:10.1016/j.annals.2003.12.002
- Faulkner, B., & Russell, R. (1997). Chaos and complexity in tourism: In search of a new perspective. *Pacific Tourism Review*, 1(2), 93-102. Recuperado de <https://bit.ly/2UPb2N2>
- Finn, M., Elliott-White, M., & Walton, M. (2000). *Tourism & leisure research methods*. Harlow, UK: Pearson Education Limited.
- Flores, M., Rezende, C., Tavares, K., Cohen, M., Fraga, M., Stilpen, P., Vieira, P., Couto, R. (2006). O ciclo de vida do destino turístico: O estudo de caso do balneário de Búzios. In C. L. Carvalho, & L. G. M. Barbosa (Orgs.), *Discussão de propostas para o turismo no Brasil: Observatório de inovação do turismo* (Vol. 1, pp. 157-195). Rio de Janeiro, RJ: Editora Senac Nacional.
- Formica, P. (2000). Inovação e empreendedorismo: um ponto de vista do contexto italiano das PME. In Confederação Nacional da Indústria, & Instituto Euvaldo Lodi (Org.), *Empreendedorismo, ciência, técnica e arte* (pp. 59-82). Brasília, DF: CNI.
- Fuster, F. (1979). *Teoría y técnica del turismo*. Madrid: INacional.
- Garay, L., & Cànoves, G. (2011). Life cycles, stages and tourism history: The Catalonia (Spain) experience. *Annals of Tourism Research*, 38(2), 651-671. doi:10.1016/j.annals.2010.12.006
- Getz, D. (1986). Models in tourism planning: Towards integration of theory and practice. *Tourism Management*, 7, 21-32. doi:10.1016/0261-5177(86)90054-3
- Getz, D. (1992). Tourism planning and destination lifecycle. *Annals of Tourism Research*, 19(4), 752-770. doi:10.1016/0160-7383(92)90065-W
- Gilbert, E. W. (1939). The growth of inland and seaside health resorts in England. *Scottish Geographical Magazine*, 55, 16-35. doi:10.1080/00369223908735100
- Goeldner, C., Ritchie, J., & McIntosh, R. (2002). *Tourism: Principles, practices, philosophies* (9ª ed.). London, UK: John Wiley & Sons Inc.
- Gonçalves, V., & Águas, P. (1995). A abordagem do ciclo de vida: Aplicação ao produto turístico. *Cadernos de Económicas*, documento de trabalho nº 1. Universidade Técnica de Lisboa, Departamento de Gestão, Lisboa.
- Gössling, S., Scott, D., Hall, C. M., Ceron, J. P., & Dubois, G. (2012). Consumer behaviour and demand response of tourists to climate change. *Annals of Tourism Research*, 39(1), 36-58. doi:10.1016/j.annals.2011.11.002
- Gunn, C. A. (1988). *Tourism planning* (2nd ed.). New York: Taylor and Francis.
- Gunn, C. A. (1994). *Tourism planning* (3rd ed.). New York: Taylor and Francis.
- Gunn, C. A. (2004). Prospects for tourism planning: issues and concerns. *The Journal of Tourism Studies*, 15(1), 3-7.

- Hall, C. (2006). Introduction. In R. Butler, *The tourism area life cycle: Applications and modifications* (Vol. 1, Aspects of tourism: 28, pp. 26-33). Bristol, UK: Channel View Publications.
- Haywood, K. M. (1986). Can the tourist-area life cycle be made operational? *Tourism Management*, 7(3), 154-167. doi:10.1016/0261-5177(86)90002-6
- Hernández, J., & León, C. (2003). *Endogenous lifecycle and optimal growth in tourism*. Contribution to CRENoS international conference Tourism and Sustainable Economic Development: Macro and Micro Economic Issues, Chia, Sardinia.
- Hovinen, G. R. (2002). Revisiting the destination lifecycle model. *Annals of Tourism Research*, 29(1), 209-230. doi:10.1016/S0160-7383(01)00036-6
- Huimin, G., & Ryan, C. (2011). Ethics and corporate social responsibility: An analysis of the views of Chinese hotel managers. *International Journal of Hospitality Management*, 30(4), 875-885. doi:10.1016/j.ijhm.2011.01.008
- Johnson, P. A., & Sieber, R. E. (2011). Negotiating constraints to the adoption of agent-based modeling in tourism planning. *Environment and Planning B: Planning and Design*, 38(2), 307-321. doi:10.1068/b36109
- Keys, N. (1985). *Tourism evolution in Queensland* (Master's thesis). Griffith University, Nathan, Queensland.
- Knowles, T. (1996). *Corporate strategy for hospitality*. Harlow, UK: Longman.
- Lea, J. (1988). *Tourism and development in the Third World*. London, UK: Routledge.
- Leiper, N. (1979). The framework of tourism: Towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry. *Annals of Tourism Research*, 6(4), 390-407. doi:10.1016/0160-7383(79)90003-3
- Leiper, N. (1990). Partial industrialization of tourism systems. *Annals of Tourism Research*, 17(4), 600-605. doi:10.1016/0160-7383(90)90030-U
- Lohmann, G., & Panosso Netto, A. (2012). *Teoria do turismo: Conceitos, modelos e sistemas* (2ª ed.). São Paulo, SP: Aleph.
- Lourenço, J. M. (2003). *Expansão urbana: Gestão de planos-processo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ma, M., & Hassink, R. (2013). An evolutionary perspective on tourism area development. *Annals of Tourism Research*, 41, 89-109. doi:10.1016/j.annals.2012.12.004
- Martínez, A. (2005). Aproximação à conceituação do turismo a partir da teoria geral de sistemas. In L. Trigo (Ed.), *Análises regionais e globais do turismo brasileiro* (pp. 109-147). São Paulo, SP: Roca.
- Mathieson, A., & Wall, G. (1982). *Tourism: economic, physical and social impacts*. Harlow, UK: Longman.
- McIntosh, R. W., Goeldner, C. R., & Ritchie, J. R. B. (1995). *Tourism principles, practices, philosophies*. New York: Wiley.
- McKercher, B. (1999). A chaos approach to tourism. *Tourism Management*, 20(4), 425-434. doi:10.1016/S0261-5177(99)00008-4
- McKercher, B., Wong, D. Y. (2004). Understanding tourism behavior: Examining the combined effects of prior visitation history and destination status. *Journal of Travel Research*, 43(2), 171-179. doi:10.1177/0047287504268246
- Mill, R. C., & Morrison, A. (1985). *The tourism system*. Englewood Cliffs, NY: Prentice-Hall.
- Mill, R. C., & Morrison, A.M. (1992). *The tourism system: An introductory text*. New Jersey: Prentice Hall.
- Mill, R. C., & Morrison, A. (1998). *The tourism system: An introductory text*. Dubuque, IA: Kendall/Hunt Publishing.

- Mill, R. C., & Morrison, A. (2007). *The tourist system* (Rev. ed.). Dubuque, IA: Kendall/Hunt Publishing.
- Miossec, J. M. (1977). Un modèle de l'espace touristique. *Espace géographique*, 6(1), 41-48. doi:10.3406/spgeo.1977.1690
- Moesch, M. (2000). *A produção do saber turístico*. São Paulo, SP: Contexto.
- Padin, C. (2012). A sustainable tourism planning model: Components and relationships. *European Business Review*, 24(6), 510-518. doi:10.1108/09555341211270528
- Panosso Netto, A. (2005). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo, SP: Aleph.
- Pearce, D. G. (1995). *Tourism today: A geographical analysis* (2nd ed.). Harlow, UK: Longman Scientific & Technical.
- Pearce, D. G. (2003). *Geografia do turismo: Fluxos e regiões no mercado de viagens* (Saulo Krieger, trad.). São Paulo, SP: Aleph.
- Pearce, D. G. (2008). A needs-functions model of tourism distribution. *Annals of Tourism Research*, 35(1), 148-168. doi:10.1016/j.annals.2007.06.011
- Plog, S. (1973). Why destination areas rise fall in popularity. *The Cornell Hotel and Restaurant Quarterly*, 14, 55-58.
- Rejowski, M. (1999). *Turismo e pesquisa científica* (3ª ed.). São Paulo, SP: Papirus.
- Ritchie, B. W. (2004). Chaos, crises and disasters: a strategic approach to crisis management in the tourism industry. *Tourism management*, 25(6), 669-683. doi:10.1016/j.tourman.2003.09.004
- Russo, A. P. (2002). The "vicious circle" of tourism development in heritage cities. *Annals of Tourism Research*, 29(1), 165-182. doi:10.1016/S0160-7383(01)00029-9
- Scarpino, M. (2010). *Tourism Systems: An analysis of the literature for improved subnational development*. Recuperado de <https://bit.ly/2JKzKrO>
- Song, H., & Witt, S. F. (Eds.). (2000). *Tourism demand modelling and forecasting: Modern econometric approaches*. London, UK: Routledge.
- Stansfield, C. (1978). Atlantic city and the resort cycle: Background to the legalisation of gambling. *Annals of Tourism Research*, 5(2), 238-251. doi:10.1016/0160-7383(78)90222-0
- Turner, L., & Ash, J. (1975). *The golden hordes: International tourism and the pleasure periphery* (11ª ed.). London, UK: Constable.
- Uysal, M. (1998). The determinants of tourism demand: A theoretical perspective. In D. Ioannides, & K. G. Debbage (Eds.), *The economic geography of the tourist industry* (pp. 79-98). London: Routledge.
- Whitford, M. (2011). A framework for the development of event public policy: Facilitating regional development. *Tourism Management*, 30, 674-682. doi:10.1016/j.tourman.2008.10.018
- Witt, S. F., & Moutinho, L. (1994). *Tourism marketing and management handbook* (2nd ed.). Hertfordshire, UK: Prentice Hall International.
- Yang, J., Ryan, C., & Zhang, L. (2014). Sustaining culture and seeking a Just Destination: governments, power and tension: a life-cycle approach to analysing tourism development in an ethnic-inhabited scenic area in Xinjiang, China. *Journal of Sustainable Tourism*, 22(8), 1151-1174. doi:10.1080/09669582.2014.924953
- Zaheer, S., Albert, S., & Zaheer, A. (1999). Time scales and organizational theory. *Academy of Management Review*, 24(4), 725-741. doi:10.5465/amr.1999.2553250

Recebido em: 31/01/2018

Aprovado em: 02/03/2018

## **CONTRIBUIÇÕES**

**Daniela Fantoni Alvares:** definição do problema de pesquisa e dos objetivos, desenvolvimento da proposição teórica, realização da revisão bibliográfica e da fundamentação teórica, escolha dos procedimentos metodológicos, coleta de dados, análise de dados, elaboração de tabelas, gráficos e figuras, revisão crítica do manuscrito, redação do manuscrito e adequação do manuscrito às normas da RTA.

**Yoná da Silva Dalonso:** definição do problema de pesquisa e dos objetivos, desenvolvimento da proposição teórica, realização da revisão bibliográfica e da fundamentação teórica, escolha dos procedimentos metodológicos, coleta de dados, análise de dados, elaboração de tabelas, gráficos e figuras, revisão crítica do manuscrito, redação do manuscrito e adequação do manuscrito às normas da RTA.

**Júlia Maria Brandão Barbosa Lourenço:** definição do problema de pesquisa e dos objetivos, desenvolvimento da proposição teórica, realização da revisão bibliográfica e da fundamentação teórica, escolha dos procedimentos metodológicos, análise de dados, revisão crítica do manuscrito e redação do manuscrito.